

Stadium

Os brasileiros do Vasco da Gama, agéis, acrobáticos e rápidos, também praticam o jogo de posição, sugelando o avançado-centro adversário a apertada vigilância. No golpe que reproduzimos, Peyroteo e Vasques disputam a bola a um brasileiro e conseguem batê-lo. Assim, com bravura e lealdade, o Sporting conquistou um triunfo que legitimamente encheu de orgulho todos os portugueses!



N.º 238
25 DE JUNHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Tvemos no domingo, em plena beleza e majestade do Estádio Nacional, uma grande tarde de futebol. Como fecho de época, merecíamos na verdade uma vitória que voltasse a guindar o futebol português. Essa honra coube ao Sporting, o campeão de facto e de direito. Verdadeiramente o grupo em melhor forma!

Continuemos todos a deplorar o que se passou naquela desagradável tarde da maior derrota em seguida às maiores vitórias, mas lembremo-nos de que o futebol é jogo.

Se não o fosse, o misto Benfica-Belenenses não teria sido batido depois de jogar mais e de dominar territorial, e acrescente-mos tecnicamente. O Valência agarrou a vitória pelos cabelos, e temeu em que a satisfação dos

A' meia hora, contra a chamada corrente, o Valência marcou o único goal desta parte, de um passe em profundidade e bola perseguida pelo interior Pasieguito — bom tipo de jogador! — que, infiltrando-se por entre a defesa, despediu um tiro de canhão, fazendo um goal à maneira espanhola, um dos tais que seria cantado muito tempo no vizinho País.

Na segunda parte, mesmo com o vento pelo seu lado, os valencianos ainda foram dominados no capítulo do território, mas não cem por cento, como até ao intervalo. Verdade, diga-se, já organizaram com relativa ordem alguns ataques, obrigando os adversários da defesa a bom trabalho.

A meio desta parte, o centro Morera, em jogada pessoal, passando metódicamente os dois de-

como onze elementos, hábeis e destros, mexendo bem a bola, constituem um conjunto de inferiores qualidade. Enfim, os valencianos não foram batidos por portugueses, e, se é certo que o Misto B B era melhor adversário do que um grupo (a vitória estaria ao alcance do Benfica ou do Belenenses), não devemos esquecer que os triunfos fora de casa são sempre valiosos.

Arbitro — Vieira da Costa, do Porto.

Valência — Eizaguirre, Alvaro, Diaz, Santacatalina, Monzo, Asensi, Api, Pasieguito, Morera, Igoa e Giraldo.

Misto B B — Manuel Joaquim, Vasco, Feliciano, Amaro, Moreira, Serafim, Mário Coelho, Arsénio, Júlio (depois Vitor Baptista) Quaresma e Rogério.

na sua marcha vitoriosa, veloz e consciente, a caminho das balizas. E veio mais um golo, o 3.º, de Jesus Correia, como resultante de avançada bem organizada, e poderiam ter vindo mais, que, aliás, estiveram à vista — cada ataque cada possibilidade, e cada calafrio para os brasileiros! — se o futebol não tivesse como fundo o azar e a sorte.

Até ao intervalo, apesar de tudo, esperançados no volte-face da segunda parte, e no mudar do vento para o seu lado, os brasileiros mantiveram a linha de grupo unido, capaz de aceitar, com sangue-frio, a adversidade e os ventos contrários. Mas no segundo tempo e a partir de certa altura, o seu desespero foi evidente. A partir do momento em que se convenceram que lhes era impossível vencer, ante a obstinação sportinguista.

Numa grande tarde de jogo o SPORTING bateu o VASCO DA GAMA

A vitória do Valência é curiosa

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

portugueses não fosse completa.

A verdade, porém, é que os sportinguistas encheram o Estádio Nacional e o seu magnífico comportamento fez esquecer a mágoa provocada pelo futebol do desafio anterior. Há coisas que nunca mais esquecem... Por exemplo, aquela vertiginosa marcha sportinguista para as balizas do Vasco da Gama está neste caso! Deixemo-nos de divagações, porém. É necessário dar alguns traços, reproduzindo-as tanto quanto possível, as duas partidas, uma curiosa, outra inesquecível, em que intervieram portugueses, espanhóis e brasileiros.

Por vezes, as coisas repetem-se em futebol, mas nem por isso deixam de provocar a mais viva admiração. Até parece impossível como perdemos! E' que os adeptos gravaram apenas na memória os ataques de um grupo, esquecendo-se dos defeitos manifestados por essa mesma equipa. Quando um team domina, sucedendo-se as ofensivas, mas não consegue despedir golpes mortais, ou por falta de sorte, ou por encontrar um guarda-redes na sua frente, ou mesmo por imperícia na hora da emoção, acontece vir a perder com a maior das naturalidades... O adversário está atento, desenvolve uma ou outra contra-ofensiva, estas são em geral perigosas, e, no aproveitamento de uma aberta constrói o triunfo. Nada há a dizer...

Tendo o vento a favor, a composição B B traçou, certamente, vários esquemas de boa marca, dobrando muito os passes, mas o atlético Eizaguirre chegou e sobrou em todas as circunstâncias. E a tal ponto que o jogo português teve qualquer coisa de arreliante e desagradável.

fesas, marcou a segunda bola valenciana; seguida alguns minutos depois do goal português, em belo lance de cabeça, de Vitor Baptista a Arsénio, como para afirmarem que também sabemos marcar goals de espectáculo.

Estando o resultado em 2-1, verificou-se o grande esforço do Misto em busca, pelo menos, do empate, vindo todos os portugueses para a frente (os defesas a meio campo!), insensíveis ao vento, e assentando arraiais na grande área valenciana, com os dois médios de ataque, especialmente Amaro, a alimentar a máquina de jogo, aliás, sempre desperdiçado. E aqui está uma diferença entre o nosso futebol e o espanhol; com os papéis invertidos, ter-se-ia passado alguma coisa diferente do que se passou...

O fim chegou com o triunfo valenciano, visto não termos sabido explorar as oportunidades, e tantas houve!, mas é justo que se destaque a maneira briosa e enérgica como os espanhóis se comportaram.

O Valência deixou má impressão no público, e, no entanto, não desgostámos do grupo. Pelo menos, bem melhor do que contra o Vasco da Gama, sendo visível a preocupação de jogar rasteiro e preciso, e de ligar esforços, mantendo o equilíbrio e a indispensável noção do conjunto.

Certamente, o team não deu a medida que poderia se os seus componentes se subordinassem a uma disciplina de jogo e não actuassem desordenadamente. Os valencianos, na fórmula antiga, praticaram um futebol sem beleza, o que prova que não são os sistemas que tiram encanto ao futebol, mas que tudo depende, no fundo, da massa chamada jogador. De resto, dá-nos que pensar

Os brasileiros do Vasco da Gama entraram em campo, por assim dizer, na situação de vencedores, um pouco esquecidos de que é indispensável, de jogo para jogo, redobrar de esforços e melhorar de futebol. Começaram, portanto, construindo os seus triângulos, na base rasteira, com grande serenidade. Uma bola, de começo, a um minuto, obtida lentamente por Lélé, a vedeta, parecia confirmar a superioridade vascaína.

Mas os brasileiros mal pensaram o que iria passar-se de aí a pouco. Estava na sua frente um grupo que, gozando o favor do vento, não estava disposto a deixar-se bater. Os sportinguistas, desaparecida a emoção e nervosismo do começo, além de destruírem o jogo brasileiro, deram-se a construções de ataque que, a pouco e pouco, foram crescendo e agigantando-se de tal forma, que os brasileiros, já perturbados, desnorream-se um pouco, e o domínio português era uma realidade, não só o que diz respeito ao território, mesmo em poder de construção, arte de executar e sentido prático.

O futebol sportinguista, numa fúria que não excluía ordenação e método, rolava pelo campo fora, em floreações e beleza, convencendo, dominando e entusiasmando. Quando chegaram os golos, ninguém se admirou. Eles já eram esperados há tempos: à meia hora, o aproveitamento superior por parte de Jesus Correia, o extremo acutilante, de uma passagem de Albano, o extremo endiabrado; e um pouco depois, de um canto de J. Correia, ainda aproveitamento de cabeça, desta vez de Peyroteo.

Mas a vaga continuava a rolar! O Sporting havia-se apoderado da situação e nada o conseguia deter

Então, como é natural, nunca mais se viu o seu excelente domínio de bola, as desmarcações começaram a sair falsas e os jogadores, desnorream-se, perdiam facultades. O Vasco da Gama, momentaneamente inferiorizado, tornou-se um grupo irreconhecível.

No segundo tempo, a tarefa de triângulos dos brasileiros foi inteiramente desmantelada pelo jogo defensivo dos leões. Estes cerraram fileiras, colocando mais atrassados certos jogadores, e acantonaram-se na zona perigosa, e desfizeram, um por um, com singular aplicação e a maior das energias, todas as tentativas dos riodejaneiros. O Vasco da Gama marcou uma bola, a segunda, a cinco minutos de fim. Mas, caso curioso, mesmo nesta parte, os portugueses tiveram os melhores momentos de golo em várias contra-ofensivas que desenvolveram. No capítulo de oportunidades, o resultado está longe de traduzir a verdade. Os portugueses não deveriam ter sofrido bola alguma.

Lá porque os vascaínos perderam, não modificamos o nosso juízo. Toda e qualquer equip, por maior que seja, tem os seus momentos de abalo, visto que em futebol, insistimos na ideia, tudo depende do adversário. No momento da adversidade, as grandes equipas perdem o seu ar de superioridade e descem a pormenores mais próprios de equipas vulgares, quebrando um pouco a sua linha e a sua estirpe.

Os sportinguistas fizeram uma bela partida, mas não se diga que se trata de uma exibição excepcional. A medida e a capacidade reflectidas em campo estão perfeitamente ao alcance do grupo leonino, como já o tem provado de outras vezes. E mais uma vez ficou demonstrado que, de vez que sejamos rápidos (nem já se fala em

Expressiva superioridade do Algés e Dafundo

nos festivais com o Canôe de Madrid

Patroni, Silva Marques e Franco do Vale em evidência

A notação lastimosa ficou a dever ao glorioso Sport Algés e Dafundo mais um relevante serviço, mais um valioso contributo — a jantar a tantos outros — para a sua expansão, para a sua propagação, para o seu progresso.

O Sport Algés e Dafundo está, assim, duplamente de parabéns: pela passagem de mais um aniversário e pelo êxito incontestável dos festivais com o Canôe Club de Madrid.

Das jornadas magníficas — que nos trazem à memória outras, de tão belas recordações — que ficam a atestar inofensivamente o desejo sempre constante de produzir obra honesta, sã e proveitosa, de proporcionar aos seus nadadores os indispensáveis elementos de progresso, de chamar os «novos» a provas de responsabilidade, equilibrando as suas possibilidades, e estimulando, da melhor maneira, o seu apego ao trabalho perseverante, o seu amor a uma modalidade bela entre as mais belas.

Muito se tem escrito nestas colunas sobre o valor dos «novos» do Sport Algés e Dafundo, a quem dedicámos, há meses, uma página de honra.

Não temos, felizmente, que alterar uma virgula ao que então escrevemos. É que eles foram as figuras dominantes dos festivais de sábado e domingo últimos. Patroni, com dois novos recordes; Franco do Vale, com um novo máximo nos 100 metros-costas; Luis Ricardo Sebastião, novo recordista de 200 metros-braços, principiantes; João Dias Faria Bichinho; Edoardo Marta Barbeiro, Jaime Moniz, Alfredo Rodrigues, Artur Melheiro e Ricciardi estiveram em plano de grande evidência.

Em conclusão: foi o Algés de amanhã que esteve presente nas duas veladas notórias com os madrilenos. O esforço de Hermano Patroni ergue-se em toda a sua pujança. E se o Algés esteve presente por intermédio das suas esperanças, é porque pela vida fora pode continuar a bradar — presente!

Patroni venceu e convenceu

A corrida de 100 metros-livres rodeara-se de natural expectativa, já por ser a prova clássica de velocidade para, já pelo interesse que havia em ver o jovem Guilherme Patroni ao

energia), podemos ganhar e desorientar qualquer grupo. Para sermos rápidos, no entanto, temos de estar na plenitude das faculdades físicas. Ou então fazer um esforço gigantesco, tipo bem português, que foi o caso sportinguista e belamente português. Arbitrou o inglês Barrick, que, diga-se, fez uma arbitragem de nível inferior à sua bitola, dando-nos uma impressão estranha.

Vasco da Gama — Barbosa, Augusto, Rafanelli, Jorge, Ely, Danilo, Alfredo, Maneca, Friaça, Lélé e Chico.

Sporting — Azevedo, Juvenal, Manuel Marques, Canário, Birrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

lado de Angel Senra, campeão de Espanha da distância e recordista de 4x200 metros-livres. E a prova correspondia, de facto, ao que dela se esperava. Guilherme Patroni actua como só um campeão de garra pode actuar. Foi o estilista clássico de sempre. Coreiosamente, conduzia a prova de princípio a fim. Tudo lhe saía bem — do salto de partida às «viragens». E a vitória, altamente honrosa, consubstanciava-se num novo recorde nacional de juniores: 1 m. 35 s. (o anterior pertencia a Jeremias Simão com 1 m. 64 s.). Os espanhóis, verdadeiramente, nunca chegaram a inquietar o nosso campeão, bem fazendo, como é natural, prova à parte dos restantes concorrentes. Izidoro Perez, 1 m. 44 s. e Angel Senra, 1 m. 54 s.

O Algés completou as pistas com Trouão, Ricciardi e Cabral Júnior, que correram dentro das suas possibilidades, com a nota curiosa de terem travado boa luta entre si, como, aliás, as próprias marcas deixam transparecer: 1 m. 12 s., 1 m. 12,3 s. e 1 m. 12,9 s., respectivamente.

Magnífica proeza de Silva Marques

João da Silva Marques, recordista nacional das provas de braços, reforça o elenco do Algés e Dafundo, o que valorizou extraordinariamente a clássica corrida de 200 metros.

O resistente nadador da Cal foi, sem dúvida, uma das grandes figuras desta jornada internacional. E ao seu longo e brilhante «palmarés» juntou mais uma excelente vitória, mais uma magnífica exibição, perfeitamente à altura das das seus melhores tempos. Virando já destacado nos 66 metros, não mais Silva Marques perde o comando da prova.

No último percurso, o madrilenho António Garcia tentou a «chance» — mas era tarde, Silva Marques, sábado à noite, parecia ter rejuvenescido dez anos. Era imbatível! Silva Marques não perde ainda, a despeito dos seus 41 anos, as suas qualidades de campeão. Correia os 200 metros sem que se lhe possa apontar um defeito. Correia como um campeão — em «estilo», classe, em espírito de luta. E quando um atleta assim actua, merece uma saudação especial.

Marca: 3 m. 9 s. Garcia — 3 m. 10,5 s. — fez prova meritória, ainda que nos pareça elemento com pouco «fundo» para os 200 metros-braços.

Mas houve mais motivos de agrado nesta excelente corrida, à frente dos quais vem, sem dúvida, o novo recorde de principiantes, agora pertença de Luis Ricardo Sebastião (3 m. 19,5 s.), novo elemento do S. A. D., cujas qualidades de «bracista» se accentuam dia a dia. O anterior recorde pertencia ao estorilista Carlos Azevedo Jálio, com 3 m. 20,8 s.

João Dias Faria Bichinho igualmente obteve marca de muito valor: 3 m. 20,2 s. Adriano Rodrigues (3 m. 24,7 s.); o madrilenho Luiz Maté não foi além de 3 m. 24,8 s.

3 x 100, estilos e 5 x 33, livres

Superioridade incontestada dos lisboetas na estafeta de 3x100 metros, três estilos, graças aos magníficos percursos de Franco do Vale (1 m. 15,8 s.), Silva Marques (1 m. 25,2 s.) e Guilherme Patroni (1 m. 6 s.). Esta equipa fez prova completamente à parte, com relevo especial para a corrida de Franco do Vale, e cobria o percurso em 3 m. 47 s. O elenco do Canôe, Luiz Colon, Garcia e Senra, teve, neste ditimo estafeta, o seu melhor elemento. A equipa B do Algés (Barbeiro Xeira e Ricciardi) deu boa conta de si. Marcas: 3 m. 58,9 s. e 4 m. 5,9 s., respectivamente.

A estafeta de 5x33 metros-livres, equipas de «water-polo», teve características diferentes da anterior, dada a igualdade das duas turmas. A prova teve, assim, belo efeito espectacular, e a vitória do S. A. D., por dois décimos de segundo, é bem elucidativa.

S. A. D.: Oscar, Nabais, Francisco Alves, Sacadura e José Rosa — 1 m. 36,8 s.

Canôe: Vergara, Perez, Ferry, Calvo e Maté — 1 m. 37 s.

E é a vez dos espanhóis...

Na segunda ronda, os simpáticos madrilenos saborearam duas vitórias, diga-se desde já, absolutamente merecidas e brilhantes.

Nos 400 metros-livres, Ferry e Perez dominaram em absoluto, conduzindo a prova com inteligência e mostrando-se, de facto, à vontade na distância. Conduziram a prova quase a par, impressionando agradavelmente, Ferry (5 m. 26 s.); Perez (5 m. 27,4).

Guilherme Patroni, que fez, aliás, uma prova admirável, para a sua categoria e características pessoais, logrou apoderar-se do recorde de juniores, obtendo 5 m. 44,8 s.

Na estafeta de 4 x 100 metros-livres, a turma do Canôe venceu brilhantemente, com a nota saliente de Perez ter obtido, individualmente, uma marca de valor — 1 m. 24 s.

Canôe: Senra, Ferry, Perez e Romo — 4 m. 31,9 s.

S. A. D.: Patroni, J. Moniz, Ricciardi e Trouão — 4 m. 48 s.

O novo recorde de Franco do Vale

Os 100 metros-costas proporcionaram uma excelente vitória a esse admirável estilista que se chama João Franco do Vale, que fixou em 1 m. 16,2 s. o seu novo recorde de principiantes.

Atrás dele, Edoardo Marta Barbeiro — outro jovem de largo futuro — obteve «tempo» de muito valor: 1 m. 20,9 s. Os espanhóis Sandino e Florez não foram além de 1 m. 23,6 s. e 1 m. 24 s., respectivamente.

A espectacular estafeta de 7x33 metros-livres encerrou o programa — com uma vitória do Algés. Foi pena, realmente, que a estafeta fosse, tecnicamente, mal disputada por ambas as turmas, tendo quase todos os nadadores andado nos zigzagzagues.

Algés: Rosa, Sacadura, Oscar, F. Alves, Trouão, Ricciardi e Artur Melheiro — 2 m. 16,2 s.

Canôe: Perez, Ferry, Calvo, Maté, Romo, Sandino e Senra — 2 m. 18,6 s.

Salto e «water-polo»

A crónica já vai longa. O espaço não abunda e temos que sintetizar. Diremos, pois: Juan Ricardo, campeão de Espanha, é um saltador de boa classe, bem ginasticado, que nos brindou, no domingo, com uma exibição que agrada em absoluto. Não é um homem excepcional — não é um Weiss — mas é um saltador que já atinga uma carreira muito apreciável.

Quanto ao «water-polo», temos que reconhecer que o elenco do Algés trabalhou com entusiasmo para estes desfilios, que ganharam por forma a não deixar dúvidas quanto à sua superioridade, traduzida em duas expressivas vitórias — 7-0 e 6-0 — e que o Canôe é, presentemente, uma equipa fraca, de deficiente conjunto e de pouco poder.

E a terminar, uma nota agradável: os progressos evidenciados pelo saltador do S. A. D., dr. Manuel Martins. Gostámos francamente das suas exhibições, em qualquer das jornadas. Esteve feliz — particularmente feliz.

Abreu Torres



O TORNEIO IBERICO DE BASKET BARCELONA — O CAMPEÃO!

OS GRUPOS QUE TOMA- RAM PARTE NOTORNEIO

1 — Barcelona, o
campeão; 2 —
Vasco da Gama,
finalista; 3 — Ben-
fica e Real Madrid,
que se comporta-
ram com mérito



Os portugueses e madrilenos lutam com tenacidade e energia

Um aspecto animado do encontro Vasco da Gama — Benfica

O Vasco da Gama tenta um lançamento; os madrilenos defendem-se!



pagando do «Torneio» não foi perfeita, pois a sua realização passou quase despercebida do grande público.

Perdeu-se uma excelente oportunidade de vencer o indesmentível progresso do nosso basquetebol, mas, apesar disso, alguma coisa de útil se conseguiu, porque tivemos o ensejo de admirar um excelente conjunto — o do F. C. Barcelona — incontestável e brilhante vencedor desta competição de campeões em que também estiveram presentes as equipas do Real Madrid, do Sporting Vasco da Gama e do Sport Lisboa e Benfica.

Apreçamos, tanto quanto possível, demoradamente, a elucidação dos quatro «teams» e um ou outro pormenor de organização que mereça citação especial.

O Futebol Clube de Barcelona

Quando o «cinco» catalão entrou em campo, na primeira noite, para defrontar a equipa do Benfica, logo o impressionante aspecto físico dos seus componentes deixou anelar uma «classe» e uma afinção técnica que as exibições feitas comprovaram absolutamente.

Na defesa e no ataque, individualmente e em conjunto, o Barcelona demonstrou um conhecimento profundo dos segredos do basquetebol, oferecendo, aos espectadores e aos adversários, uma lição completa do jogo, principalmente nos capítulos de rapidez, desmarcação e remate.

Dos elementos utilizados, devemos destacar Ferrando — o célebre homem de «cabeça alada», — Kuchessky e Marlin, todos internacionais, e, na verdade, os «estrelas» daquele soberbo conjunto.

A actividade prodigiosa de Ferrando, a invariável certeza de lançamento por parte do Kucharsky e o calmo e inultrapassável domínio de Marlin, na sua zona perigosa, constituíram os pontos culminantes das extraordinárias faculdades reveladas pelos vencedores do Campeonato de Espanha.

No encontro que disputaram contra o Benfica, os jogadores do Barcelona disputaram, à vontade dos portugueses, tanto mais que eles estavam em noite de pouco acerto. A diferença de 22 pontos (35-13) com que terminou o primeiro tempo concretiza bem o fulgurante entrada dos catalães, nesta prova. Na 2.ª parte, abrandaram um pouco o andamento endiabrado que tinham mantido, mas continuaram desenvolvendo uma laboriosa acção construtiva que, no final, esteve bem expresso pelo resultado de 63-30.

Em frente ao Real Madrid, o Barcelona confirmou a sua «classe» invulgar, dispondo dos seus compatriotas e deliciando a assistência com momentos de admirável perfeição técnica. Ao cabo dos 40 minutos, os contendores estavam separados por 24 pontos (59-35) e este desnível prova a superioridade dos que viriam a ser os vencedores do 1.º Torneio Ibérico.

Na última noite, o desafio que disputaram com o Vasco da Gama foi autêntica final, visto que ambos os clubes estavam empatados em vitórias e o triunfo, no «torneio» caberia ao que conseguisse derrotar o adversário.

Monteiro Poças

(Continua na página 11)

O 1.º Torneio Ibérico, feliz iniciativa da Federação Portuguesa de Basquetebol, não alcançou o êxito que se esperava e a sua importância desportiva amplamente justificava.

Várias circunstâncias contribuíram para esses modestos resultados: em primeiro lugar, o preço exagerado dos bilhetes — proibitivo, se atendermos às poucas disponibilidades da maior parte do público que costuma acompanhar a modalidade; depois, o inesperado abalamento de forma, evidenciado pela equipa do Benfica, que, em nenhuma das três noites de prova, conseguiu dar a noção exacta do seu real valor. Além disso, a pro-

À maior classe dos catalães impôs-se na «final» mas os portugueses do Vasco da Gama foram bons adversários!



O grupo de honra do Valência Futebol Clube, vencedor da Primeira Divisão de Espanha

O "VASCO" VENCEU! —VALÊNCIA, FRACO ADVERSÁRIO



Djalma em frente de Elzaguirre. A bola já está bem agarrada!

A partida entre brasileiros e espanhóis no terreno neutro do Estádio Nacional, de um lado o Vasco da Gama e do outro o Valência (respectivamente campeões do Rio de Janeiro e da Liga de Espanha), sob a neutralidade do Inglês Barrick, era aguardada com invulgar interesse! O desafio oferecia dois aspectos qual deles o mais importante: ditar a palavra definitiva acerca do mérito dos brasileiros (posto em dúvida em vários sectores da crítica portuguesa); e servir para confronto de valor entre portugueses e espanhóis...

que geralmente caracterizam os espanhóis. A figura de Elzaguirre, o atleta das redes, sobressaltu em termos dos jogadores ao seu redor pareceram mais pequenos e ele maior ainda.

Os brasileiros tinham a posição de vencedor firmada à meia hora. Mas na segunda parte é que deram, em toda a extensão, a gama do seu futebol artístico, variado, rápido e de colocação. Contra o vento, os vascos continuaram a dominar fazendo o indêdo em casos tais, mas que muitas equipas não fazem por carência de execução: batizar o jôgo e depositar a bola na relva. E dos pés dos brasileiros saíram golpes da maior habilidade, a arte de dominar a bola em luta com o adversário e de a passar para o homem melhor colocado e já desmarcado. O jogador brasileiro não tem a pecha de ficar pregado ao terreno ao fazer um lance; vai logo procurar o melhor sitio para outro golpe ainda superior! Enfim, este match pôs todos os críticos de acôrdo: o Vasco da Gama é uma grande equipa!

A sua harmonia é clara, sendo difícil destacar valores. Tão depressa Lélé ou Chico parecem os melhores, como logo uma fulgurante jogada de Rafanelli ou de Danilo nos desperta a atenção. Grandes jogadores numa palavra.

Alinharam pelo Valência: Elzaguirre, Diaz, Juan Ramon, Santacatalina, Monzo, Asensi, Epi, Amadeo, Marera, Igoa e Giraldes.

Vasco da Gama: Barbosa, Augusto, Rafanelli, Eli, Danilo, Jorge, Djalma, Maneca, Friaça, Lélé e Chico.

As dúvidas foram recolhidas ao sentimento de ser o Vasco da Gama um team de grande categoria, da linha dos melhores da América do Sul, e de tudo indicar por ora uma actual supremacia do futebol português em relação ao de Espanha.

Se há jogos que têm pouca história, o Vasco da Gama-Valência é um deles. Não por não ter havido luta atlética. Pelo contrário, os valencianos puzeram em campo magnífico entusiasmo e toda a sua boa-contade. Mas verdade seja, os homens de Collina nada puderam fazer e a sua inferioridade surgiu cedo à luz do sol...

O Valência não soube colocar-se na defesa, e de aí infiltrações livres dos brasileiros que tiveram tempo suficiente de serem, num pé só, jogadores e artistas. E no ataque, em tentativas pela asa direita, as suas unidades jogaram um pouco isoladamente, cada uma esquecendo-se das outras... Ainda por cima, faltou à equipa valenciana a velocidade e elasticidade



Um dos raros momentos em que os valencianos atacaram. Barbosa saltu, e tirou todas as ilusões aos epanhois!



Uma jogada a meio do terreno, preparando os brasileiros um ataque cerrado



Elzaguirre, o mator dos guarda-redes actuais de Espanha, salvou o seu grupo de uma derrota mais pesada!



Lélé, com a bola nos pés, galga terreno a caminho das bellas...

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

No dia 18 do corrente finou-se em Vitoria (Espanha), sua residência habitual, o dr. Amadeo Garcia Salazar, que, durante algumas épocas, desempenhou com singular brilho o cargo de seleccionador unico em Espanha.

Pobre homem! Nos últimos tempos estava enfermo, completamente surdo, como resultado de um desastre de automóvel, e, afastado dos campos de bola, a sua vida decorria ignoradamente. Ele próprio fugia do convívio dos conhecidos, vivendo das suas recordações. A época fulgurante de Garcia Salazar foi a de 1934: quando a equipa espanhola partiu para o Campeonato do Mundo, ganhando ao Brasil e empalando com a Itália, ninguém acreditava no excelente técnico.

O regresso foi triunfal, e Salazar continuou a ser o mesmo homem: antes, invencível às críticas e às alfinetadas; depois, insensível aos elogios...

Ipiña, o médio-centro do Madrid, vinte anos ao serviço activo de futebol, deixará neste desfo de ser jogador e empregador a sua actividade como treinador, continuando uma carreira digna e activa.

O médio-centro do Real de Madrid reúne excelentes condições para o lugar de treinador: educado na Inglaterra, são-lhe familiares os tactics ingleses, que, junto à prática no terreno de luta lhe dão especial autoridade. Não indo numa região (Viscaia), e dá ou jogadores de pelota a jogadores de futebol, nunca mais abandonará o desporto...

Também em Portugal há alguns jogadores que, chegado o seu fim, devem ser aproveitados pelos clubes, tal o seu saber e competência, à semelhança de Juan Antonio Ipiña.

O desafio de Portugal com a França já está definitivamente inscrito no calendário francês para a próxima temporada, prova de que a última e pesada derrota não influiu grandemente nas nossas relações internacionais, agora, no apogeu. Há até necessidade de reduzir esses matches e de escolher prudentemente os adversários dos portugueses. Também estão apazados encontros com a Espanha e a Itália, e é possível que de-frotemos ainda a Irlanda. Julgamos o programa suficientemente vasto e interessante. O futebol português continuará a sua carreira, à qual muitos dão o seu esforço e outros a sua crítica.

O JOGO DURO dos portugueses

... Conto inventado para entreter as crianças!

Quando os argentinos do S. Lourenço do Almagro passaram em Portugal, disse-se que uma das suas preocupações era de que os portugueses não jogassem com dureza, para não empregarmos a desagradável palavra «violência». Já em Espanha, os argentinos deixaram o mesmo rasão. O mot d'ordre era não inutilizar o São Lourenço, que — pobre dele! — não estava acostumado ao jogo viril... Por via de isso, ao jogarmos contra os almagros, tanto no Porto como em Lisboa, quase que pedimos vênua para utilizar o tronco, regularmente, alienando, pelo menos, dez por cento das probabilidades. Mas, ao menos, livemos a vantagem de ver futebol filigranado e em liberdade...

Se a memória não nos traíções, o grande Ricardo Zamora decidiu os argenlinos à visita de Portugal — esse favor lhe devemos! — fazendo ver que não tinham fundamento essas notícias, e que nós, portugueses, além de acolhermos os visitantes com fidelidade, também sabíamos ser correctos dentro do rectângulo, embora lutando até o último sopro de vida.

Vem isto a propósito de um artigo que o jornalista e antigo redactor desportivo do ABC, Jacinto M. Guelarens, escreveu directamente da Argentina para os jornais espanhóis — publicado na última semana — acerca de um desafio de futebol disputado naquele país. Damos-lhe a palavra, e apreçemos todos, em boa companhia, o seu salutar humorismo:

«Nestes momentos, os cronistas desportivos de Buenos Aires recordam que o grande episódio da última guerra foi superado em erdor combalivo e sangue pelos últimos minutos do encontro de futebol entre o River Plate e o Estudiantes de la Plata, disputado no campo dos segundos. Fez-se a propósito rápidas e desdenhosas evocações das mais célebres batalhas que registre a história, sem esquecer o desembarque na Normandia.

«É provável que se exgere um pouco. Sem embargo, nesta ocasião, sem se saber ao certo se o árbitro teve ou não razão numa das suas decisões — nem seguida sequer de penalty — tiveram de intervir os bombeiros com os seus mangueiras e certas brigadas policiais com os seus gases lacrimogéneos, e houve logo que escolher os mortos que, por fortuna e ainda que pareça mentira — asseguram-me uma testemunha que presenciou a refrega — não havia mais do que juridos.

«De vez em quando temos de dar notícia destes lances do futebol argenlino para que não se acredite demasiadamente que aqui só se joga o futebol com leves pés de cabritilla ante a multidão especializada no madrigel... Não, aqui também, como ali, o futebol é o viril desporto, e aqui também o árbitro é que não tem razão porque esta pertence sempre ao adepto.

Miguelarens, no brilhantismo da sua linguagem, põe deliciosamente o problema e dá cabo da lenda — de uma vez para sempre? — de que só em Espanha (e acrescentamos em Portugal) se joga duro, como deve ser, no uso regulamentar do corpo; e ainda de que a multidão, quando desvaivada, é igual em toda a parte e pior em uns que noutros sítios. Ainda não chegámos ao aperfeiçoamento dos campos resguardados por fossos e altas vedações de forte arame, das mangueiras de água e dos lacrimogéneos convidando ao bom senso.

É bom que se reopnham as coisas no seu verdadeiro lugar. Quando uma equipa estrangeira vem agora a Portugal, logo se ouve o eco de que é preciso ter as maiores cautelas, como se o jogador português fosse um individuo vivendo à margem ou desconhecendo as Regras do Jogo. Uma espécie de criminal desportivo! Ora, o que se dá é precisamente o contrário. O nosso praticante, cavalheiresco e leal, encolhe-se até, e não joga de maneira habitual contra estrangeiros, aliás, permitida pelas Regras, handicapando-se. Compreende-se o que esta prática representa. Cada futebol conte com os suas características, e as nossas evidentes imperfeições de técnica são supridas pela energia e espírito de sacrificio. O contrário parece-nos falso. O futebol é, na verdade, em toda a parte, um jogo viril, e em Portugal pratica-se nos justos limites e a multidão não se excede em demasiado. A prova dos argenlinos pode aplicar-se e estender-se a todos os casos.

Há resposta para tudo...

P. 496 — Porque não veio o Red Star a Lisboa? Gostava também de saber se o Belenenses ainda vai a Paris, ou enlá a África, como foi noticiado! (De um ferrenho do Belenenses, de Aveiro).

R. 496 — Não sabemos, ao certo, as razões que impediram a deslocação do Red Star, apazada entre os dois clubes. Sejam quais forem, deve estar gorada a retribuição da visita a Paris. Quanto à viagem do Belenenses à África, como de outras que estavam em perspectiva, julgamos que nenhuma delas terá realização. Depois de 6 de Julho só se voltará a jogar em Setembro próximo.

P. 497 — Terá algum fundamento a ida de Bentes para o F. C. do Porto na próxima época? (De Um doentinho do Porto).

R. 497 — Têm dado tantos clubes ao já famoso jogador, que ele acabará por ficar, certamente, na Académica. E não fica mal.

P. 498 — Acha bem que venham buscar os jogadores do Onze Unidos, que é o meu team? (Um montijense).

R. 498 — Nem bem nem mal. Somos dos que gostaríamos de ver sempre os praticantes nos clubes onde se fizeram jogadores. Mas como isso é impossível, admitimos todas as aspirações por parte de quem se sente jogador.

CORRE QUE...

Os brasileiros jogam em Barcelona no próximo domingo. Caso curioso: Se o Vasco da Gama tivesse perdido com o Valência, as condições eram umas: ganhando, foram outras...

Os brasileiros também exigiram nos desafios em Espanha, Coruña e Barcelona, árbitros estrangeiros. Barrick será a vítima.

Os brasileiros receberam convites para jogar em Paris e Amsterdão. Segundo as nossas informações: não-aceitação do convite...

Não será concedida autorização para os teams saírem do país no «defeso». Ficarão, portanto, sem efeito as projectadas excursões ao Brasil. Para já, claro!

Também não irão à África nem o Belenenses nem o Sporting.

A organização dos encontros com os brasileiros encontrou em Carlos Alberto Pereira da Rosa o homem à altura da situação. E do trabalho!

A nova sede do Sporting tem sido muito visitada, e todos os visitantes ficam encantados.

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

Vitória do Famalicão

como resultado surpresa da 24.ª jornada

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Por virtude da realização dos encontros com os brasileiros, a jornada número vinte e quatro foi dividida por três dias, tendo-se disputado já quatro encontros, cujos resultados foram os seguintes:

Estoril..... 6 — Académica.. 1
Famalicão... 2 — Porto..... 1
Sanjoanense 1 — Atlético..... 3
Boavista.... 4 — Vitória S.... 0

O valor já afirmado no decurso de longos meses, mantém-se. Os clubes, ou melhor, os *teams*, neste findar de época, contentam-se, de modo geral, com o que fizeram e quase não desejam fazer melhor. O calor aperta, e convida a outros rumos...

Deve-se destacar, no entanto, o triunfo expressivo do Estoril, ante um adversário que goza prestígio. A equipa vencedora confirma os seus préstimos.

Mas o resultado que se destaca na jornada verificou-se em Famalicão, onde o clube titular infligiu uma vitória à equipa de Szabo. Quer dizer, os rapazes de Famalicão, e honra lhes seja, espreitaram até o último instante a oportunidade de deixarem o penúltimo lugar, um fardo bem pesado. Mas o Boavista, pelo seu lado, também não parece disposto a sacrificar-se. E à luz dos seus adversários que o problema deve ser posto. Famalicão lutará ainda contra o Atlético na Tapadinha e o Belenenses na sua casa. O Boavista de frente, em casa, o Porto, e fora, o Benfica. Qualquer deles tem uma tarefa difícil, e em condições normais os de Famalicão parecem condenados. Mas as surpresas nascem debaixo dos pés, e um derradeiro esforço decide, por vezes, uma questão intrincada.

Hoje, completa-se a jornada

com os três desafios que faltam: Benfica-Elvas em Lisboa; Vitória-Sporting em Guimarães; e Oihnense-Belenenses em Olhão.

Vitória do Estoril e vento forte...

O Estoril transpôs o degrau da Académica com facilidade, e certa dose de *chance*. Não lhe custou nada vencer...

A favor do vento, fortíssimo, valendo meio *team*, os do Estoril jogaram no primeiro tempo, ao ataque — sempre ao ataque — e os estudantes tiveram de aceitar os acontecimentos posto que lutando com ardor. A defesa local colocou-se na linha do meio, e virar-se não havia forma da bola sair da área perigosa de Coimbra.

A coberto com quatro golos, quando os estudantes quiseram, no segundo tempo, em revoadas, aproximar-se do adversário, já não o podiam fazer. O poder do Estoril aumentara, e o de Coimbra decaiu.

Estoril — Sebastião, Pereira, Eloi, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Osvaldo, Vieira e Silva.

Académica — Szabo, António

Maria, Mário Reis, Branco, Aristides, Brás, Azevedo, Pacheco Nobre, Ataz, Garção e Bentes.

Árbitro — Cunha Pinto, de Setúbal.

Famalicão venceu com justiça

Está o Famalicão, animosa equipa, a fazer um grande esforço para fugir à tragédia do penúltimo. Contra o Porto, no primeiro tempo, jogou com fogo sagrado. A sua linha de ataque, em boa carburação, deu-se a desenhos de combinação — peifurando a defesa portuense.

O primeiro tempo acabou dois-zero, e deu-se a reacção do adversário, mas deve ter-se em conta que o clube local ficou desfalecido de uma unidade, Alvaro Pereira. Os portuenses insistiram, então, no ataque, mas os seus remates foram deficientes, não passando de 2 1. Este período, os famalicenses defenderam-se com brio, multiplicando os esforços.

Famalicão — Sansão, Armando, Cerqueira, Júlio Costa, Szabo, Ferrão, Sampaio, Pires, Alvaro Pereira, Telecha e Avelino.

Porto — Barrigana, Alfredo,

Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Baivida, Freitas e Catolino.

Árbitro — Borques Leal, de Lisboa.

O Sanjoanense, e a falta de remate...

Já se sabe, e deve insistir-se, que os encontros não se ganham com o domínio territorial. E preciso marcar bolas... Ora, com o Sanjoanense passa-se o caso curioso de, repetidamente, em sua casa, o grupo ter vantagem territorial e perder, devido ao mau aproveitamento das oportunidades. Os sanjoanenses do ataque traçaram, mesmo, bons esquemas, mas a defesa adversária, no momento fatal, interveio com êxito.

Os lisboetas chegaram ao intervalo com uma bola de vantagem. Verificado o empate, registou-se depois o melhor período do jogo, com perguntas e respostas, quase na certeza de que o primeiro a marcar seria o vencedor... Coube a sorte ao Atlético, que confirmou a mais tarde, já no fim, seu triunfo.

Sanjoanense — Mota, Joaquim, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, M. Silva, Parda, Arlindo, Gonçalves, Azevedo e José Alve.

Atlético — Ernesto, Baptista, Castro, José Lopes, Armindo, Moraes, Etelvino, Gregório, Amaral, Rogério e Manuel da Costa.

Árbitro — Fernando Couto, do Porto.

Vitória justa do Boavista...

Os setubalenses não conseguiram igualar o adversário, dominando o *handicap* que representa jogar na casa do adversário. Verdade seja, os boavistas encontravam-se numa tarde de boa concepção, realizando ataques rápidos e de perfunção segura.

Os portuenses foram superiores de forma geral: mais claramente na primeira parte, de domínio insistente. Ao dar-se, no segundo tempo, a reacção dos setubalenses, sempre animosos, os do Boavista não cederam, e, suportando o empate, replicaram com método — obrigando o adversário a encolher as garras. Por outro lado, os portuenses estavam em veia de remate e as redes dos setubalenses foram tocadas quatro vezes.

Boavista — Carlos, Pereira, Silves, Chaves, Raimundo, Garcia, José Caiado, Armando, Serafim, Fernando Caiado e Brás.

Vitória de Setúbal — Baptista, Motés, Figueiredo, Pereira, Pina, Jacinto, Campos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e André.

Árbitro — Manuel Serrano, de Coimbra.

ATLETISMO

Nova vitória do Benfica

no campeonato de juniores

A segunda jornada do campeonato de juniores, disputada na pista das Salésias, pecou pela excessiva demora total; tendo começado pouco depois das 10 horas, veio a terminar às 14,15 horas.

É preciso acrescentar, para perfeito juízo da situação, que os organizadores cumpriram a sua missão, dando às provas perfeita sequência e rigorosa ordem. Houve, pois, exagero no tempo da sessão, mas a culpa não pode ser atribuída a deficiências no trabalho do júri.

A causa foi outra e vamos analisá-la.

O programa elaborado comportara os 80 metros e a estafeta 5x80 metros; na primeira prova houve necessidade de fazer seis eliminatórias, quartos de final, meias finais e final, regulamentarmente intervaladas entre si de quarenta minutos. Isto quer dizer que, para despachar a prova de 80 metros, foi necessário esperar duas horas, fora o tempo gasto com a competição propriamente dita.

Por tal razão, houve necessidade de preencher os intervalos com os concursos, embora o júri diligenciasse acumular sempre que lhe foi possível.

Foi assim posto em evidência um defeito no nosso sistema de organização de torneios, para o qual precisamos de encontrar correctivo.

Não posso apadrinhar de forma alguma o alvitre do sr. Armando Sá, que preconizou a limitação do número de participantes; agir desse modo seria a negação formal do esforço de propaganda da modalidade. Inaceitável.

A solução só pode ser uma, que já sugerimos: realizar as eliminatórias no sábado, tanto em corridas como em concursos, deixando para o domingo apenas as meias-finais e finais; com a vantagem de aliviar o dispêndio de energia dos atletas, como no domingo sucedeu aos finalistas da velocidade, obrigados a correr cinco vezes oitenta metros.

Se nada podemos apontar em contra da organização da jornada, temos ao invés algumas falhas

graves a registar no aspecto técnico da acção de alguns juizes.

No lançamento do martelo consentiu-se que um concorrente interrompesse as circunvoluções do aparelho por haver tocado com a esfera no solo e recomeçasse depois sem que lhe fosse contada a tentativa.

Na estafeta 3x1000 m. o juiz-árbitro exorbitou das suas atribuições, usando de um voto que não lhe compete. Vejamos o que se passou. São três os juizes de chegada previamente nomeados: um dá a vitória ao Sporting, outro ao Benfica e o terceiro (que estranhamente juiz de chegada, este) declara que estava distraído e nada vira.

Como as decisões referentes à ordem de classificação são sem apelo e como em caso de desacordo se decide por maioria de votos entre os juizes encarregados de determinar os lugares em litígio, a decisão só podia ser de empate; nunca, como foi, dada em favor do Benfica, porque o

(Continua na página 11)



Etzaguirre, no seu estilo atlético, defende magnificamente as suas redes. Julinho, se não estamos em erro, já não chegou a tempo, e o defesa valenciano acorre...



Arsénio rematou, mas a bola não chega ao guarda-rede... Rogério segue o lance, atentamente.



OS ESPANHOIS
do VALÊNCIA
venceram
o MISTO B.O.B.
mas não
deixaram
boa impressão
do JOGO

Júlio e um valenciano disputam, de cabeça, uma bola e Quaresma ainda está esperançado em recolher os benefícios dessa luta...



A asa direita dos brancos em acção! Repare-se na energia do jogador que se encontra ao pé de Barrosa, os vascainos atacam, mas o Sporting defende-se com alma!



O médio Jorge, do Vento da Gama, intercepta uma bola que muito interessava tanto a Travassos como a Peyroteo...



Barrosa, magnífico de energia, corta um ataque, e inicia depois uma contra-ofensiva fulgurante!

UMA PAGINA BRILHANTE
DO FUTEBOL PORTUGUÊS
escrita pelo
SPORTING CLUBE de PORTUGAL



Azevedo, ante as vistas de Barrosa e Vertissimo, defende por alto e com segurança



A bola foi disputada com energia, e verificaram-se choques leais, na sua maior parte, de homem para homem. Os brancos e os listrados são mestres no jogo de cabeça!

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

ATLETISMO

Um novo recorde francês

Está de parabéns o atletismo francês, porque numa tarde chuvosa e de vento o conhecido atleta Marcel Hansenne cobriu a distância de 800 metros em 1 minuto 49,8 segundos, batendo o seu próprio recorde por quatro décimos.

Este feito produziu-se durante o encontro atlético Paris-Amesterdão. Os holandeses apresentaram três atletas de real classe: Slijkhuis, vencedor dos 1.500 metros em 3 minutos 51,9 segundos, de Ruyter, o segundo classificado da prova de 800 metros, que bateu o recorde da Holanda em 1 minuto 51,9 segundos, e Luikeveld, lançador de dardo, vencedor com 60,90 metros.

Um recorde europeu do disco...

Em Novisad, o lançador Zerjal bateu o recorde da Sudeslavia do lançamento de disco, arrojando o referido utensílio a 50,10 m.

... e outro, mundial!

Bob Fitch, da Universidade de Minnesota, durante as competições atléticas do Pacífico-Sul, bateu o recorde do Mundo do lançamento do disco, que atirou a 117 pés, 9,5 polegadas ou sejam 54,18 metros.

Esta proeza supera o máximo anterior, que pertence ao italiano Adolfo Consolini.

Mac Donald Bailey em foco

O corredor negro da Jamaica, Mac Donald Bailey, durante o torneio organizado pelo clube londrino Polytechnic Harriers, percorreu outra vez as 100 jardas em 9,7 segundos e as 220 jardas em 21,8 segundos, abonando assim os seus méritos.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Com a realização dos últimos jogos do campeonato divisionário da Liga Inglesa terminou praticamente a época futebolística 1946-47, do referido país.

Na Primeira Divisão, o Stoke City viu as suas esperanças desfeitas ao perder por 2-1, fora de casa, com o Sheffield United. Ficou, por conseguinte, em primeiro lugar o Liverpool (42 jogos, 57 pontos), seguido do Manchester United e Wolves (ambos a 1 ponto), Stocke (a 2 pontos), Blackburn, etc. Na cauda da classificação figura o Leeds United (18 pts.) e na ordem ascendente vêm o Brentford, Huddersfield, Charlton, Bolton, Blackburn, etc.

Na Segunda Divisão, o Manchester City ficou à cabeça (42 jogos, 62 pontos), seguido do Burnley (58 pts.), Birmingham (55 pts.) etc.

Na Terceira Divisão (Sul) o Cardiff dominou o lote com 66 pts. em 42 jogos, levando na peugada o Queens Park R. e o Bristol. Na mesma Divisão (Norte) o Doncaster marcou uma posição imponente com 77 pontos em 42 jogos, durante os quais só sofreu duas derrotas!!

Suécia, 4 - Dinamarca, 1

No Estádio Municipal da cidade de Copenhague realizou-se o desafio entre os grupos representativos dos dois países escandinavos atrás referidos. Os suecos dominaram francamente e o famoso avançado Nordhald marcou 3 tentos à sua conta.

Bulgária, 2 - Albânia, 0

No desafio final, a contar para o campeonato interbalcânico de futebol, os bulgaros derrotaram os albaneses por dois golos a nenhum.

HIPISMO

O Derby Francês

«Sandjar», um dos três cavalos pertencentes ao criador Marcel Boussac inscritos no Prix du Jockey Clube — o Derby da França — ganhou a prova, em Longchamps, pela escassa vantagem de uma cabeça.

«Tourments», propriedade do Barão de Waldner e que venceu os «2.000 guinéus» franceses, parecia vitorioso seguro, mas «Sandjar», acelerando irresistivelmente, caçou-lhe esta dupla vitória sobre os postes.

NOTA DA SEMANA

Revendo-se quase sempre no seu vigor e na pujança natural que a juventude lhe proporciona a mocidade torna-se egoísta julgando que o mundo lhe pertence de direito. Pessoas de meia-idade devem ceder-lhe passagem, quanto mais não seja por motivo da sua incapacidade realizadora.

A primeira vista parece justo o conceito. Todavia, vão sendo várias as ocasiões de rever tal programa — demasiado estreito, frequentemente desmentido.

Sucedeu na semana finda, em Inglaterra um acontecimento demonstrativo de quanto pode a experiência ganha pelos anos em presença do calor juvenil.

O clube de futebol Sheffield United, no dia em que desceu ao terreno para lutar com o Stoke City — na disputa do último jogo do campeonato divisionário da Liga Inglesa — tinha três players lesionados e incapazes.

Era um match decisivo para Stoke mas, dadas as condições de inferioridade do grupo adversário, havia escassas possibilidades de uma derrota.

Sheffield, em apuros, pediu o concurso do jogador Pickering, de 38 anos, antigo internacional, já afastado das lides activas. Com tal brio e inteligência se houve em campo que marcou o primeiro tento ao terceiro minuto do desafio e, embora Stoke conseguisse empatar antes do intervalo, Pickering fabricou o segundo golo, realizado por Rickell em condições imparáveis.

A imprensa foi unânime em atribuir à sagacidade do «velho» internacional o fruto da vitória, salientando a utilidade da sua experiência.

Também os franceses, em apuros para a constituição da equipa de ténis que os representou contra a Checoslováquia, na meia-final da Taça Davis, rogaram ao velho Borotra — hoje com mais de meio século de idade — que descesse à pista defender as cores do seu país. Foi vencido, é certo, mas demonstrou capacidade igual ou superior à dos jovens.

O saber de experiência feito, como disse Camões, merece mais do que a reputação que goza entre a mocidade irrequieta. Como se demonstra.

R. B.

BOXE

Dauthuille derrota Degouve por pontos

Em Paris, combateram estes dois prometedores pugilistas de peso-médio: Dauthuille e Degouve, para a designação simbólica de imediato do campeão Cerdan.

Degouve perdeu, queixando-se de várias cabçadas e outras irregularidades, que o árbitro deixou passar despercebidas a Dauthuille. Na mesma sessão o pequeno titular europeu dos mínimos, Sandeyron, derrotou sem brilho o italiano Solinas, que fugiu todo o tempo à batalha até abandonar ao 8.º assalto.

Alejos brilha em Barcelona

O pugilista galaico, Alejos, que por duas vezes derrotou o campeão nacional Licínio Passos por fora de combate, conquistou uma notável vitória ganhando ao belga Pierre Paul, em Barcelona, por pontos.

Na mesma sessão, o campeão

de Itália dos levíssimos, Serracin, levou o espanhol Mariano Diaz a desistir ao 8.º assalto, depois de lhe aplicar um duro correctivo.

CICLISMO

Coppi ganhou a Volta de Itália

A final, a corrida de resistência denominada Volta de Itália, em que Gino Bartali parecia ter garantido o triunfo, concluiu com a vitória de Fausto Coppi, grande «ás» do pedal de ante-guerra.

A luta resolveu-se nas duas últimas tiradas — a décima oitava e décima nona — particularmente a derradeira, entre Lugano e Milão.

Coppi gastou 115 horas 55 minutos e 7 segundos a percorrer os 3.861 quilómetros do trajecto, enquanto que Bartali levou mais um minuto e 43 segundos do que o seu feliz adversário.

TÉNIS

A Taça Davis

Realizaram-se os dois encontros da meia-final entre a França e a Checoslováquia, por um lado, e entre a Sudeslavia e a África do Sul, por outro, para a disputa da Taça Davis (zona europeia).

Os checos dominaram amplamente os franceses. Primeiro, o par Pétra-Borotra cedeu o passo a Drobny-Cernik, por 8/10, 12/14 e 3/6, depois Marcel Bernard sucumbiu duas vezes em 5 partidas contra os citados adversários, em singulares, e, por último, o jovem Destremeau acabou desmantelado por Drobny em 3 partidas decisivas.

A Sudeslavia acabou com a África do Sul por 3 vitórias a 2. Os sul-africanos Sturgess e Fanning venceram Mitic e J. Palada por 6/3, 7/5 e Sturgess ganhou a Palada no último encontro de singulares.

A final da zona europeia realizou-se á entre a Checoslováquia e a Sudeslavia.

O 1.º Torneio Ibérico em basquetebol

(Continuação da página 7)

sr. Armando Sá, juiz árbitro, assim decidiu pelo que julgou ver.

Se a alínea b) do art. 3.º do Regulamento Técnico diz que o árbitro decide em caso de desacordo entre os juizes, isto não significa que lhe dê plenos poderes de omnisciente, mas apenas que lhe incumbe decidir dentro do preceituado nas disposições regulamentares referentes a cada caso.

Nas chegadas, por exemplo, só os juizes em exercício têm voto de classificação; o árbitro reúne esses votos (que deveriam sempre ser expressos por escrito) e classifica depois os corredores, em conformidade com eles.

Os resultados técnicos das várias provas foram apreciáveis, na média melhores nos concursos do que nas corridas.

Myre Dorez, com 9,2 s. nos 80 m., ficou aquém das suas possibilidades, levando mesmo em consideração que o vento soprava contrário; efeitos da sobrecarga de três percursos antes de chegar à final.

O benfiquista Casimiro, outro principiante, dominou todos os adversários nos 300 metros, que percorreu em 37,3 s., tempo que ocupa o décimo lugar na lista das marcas portuguesas na distância. Elemento com futuro assegurado, mas a quem é necessário poupar, atendendo à sua idade.

Os 3000 m. foram corridos em passo muito lento, só acelerado nas duas últimas voltas; na ausência de Alves da Silva, o belenense Branco ganhou, apesar da luta enérgica que Araújo lhe moveu.

O Sporting ganhou a estafeta 5x60 m., comprometida na primeira substituição pela péssima saída de Pires Monteiro, adiantado.

Nos 3x1000 m., a melhor proeza foi de Castelo Branco, que recuperou cerca de quinze metros a Guedelhas, conduziu a embalagem e cortou a meta na mesma linha do adversário.

Este mesmo Guedelhas disputou, depois de tão violento esforço, a corrida de três quilómetros, terminando mal e exausto; parecendo demasiada e nociva esta sobreposição. O valor dos atletas não deve ser explorado, para fazer pontos, sem atender às suas conveniências.

No salto em altura, Meneses conseguiu transpor 1,75 metros, a sua melhor marca; Cortes de Moraes, em dia de fraca inspiração.

Eduardo Matos, júnior já com direito a subir por antiguidade à categoria superior, venceu o disco e o triplo salto, respectivamente, com 34,66 metros e 12,94 metros, marcas interessantes mas que se não podem chamar prometedoras.

Finalmente, no lançamento do martelo, verificou-se a vitória de um rapaz habilidoso e com conhecimentos técnicos, Eduardo Cunha, sobre outro — Nuno Barros — com extraordinários dotes naturais, mas ainda por cultivar.

Salazar Carneira

Excelente comportamento da equipa do VASCO DA GAMA

O Real Madrid ganhou o «Torneio Relâmpago», em que entraram o Atlético, o Benfica e o Vasco da Gama

(Continuação da página 4)

O Barcelona venceu, claramente, a sua superioridade, no primeiro tempo, chegando a 31-17; na segunda parte, os espanhóis descansaram um pouco e o Vasco da Gama soube aproveitar esse abrandamento de velocidade para se agigantar e tornar altamente emocionante o declinar do encontro.

O Sporting Vasco da Gama

O melhor representante de Portugal no «Torneio» só cedeu perante o entusiástico apelo do público, que nunca desampara a equipa e, assim, correspondeu ao magnífico esforço dos «vascalinos» para que ficasse em Portugal o primeiro título desta competição peninsular.

Contra o Madrid, na jornada inicial, os campeões portugueses, e despeito da dureza dos adversários, realizaram uma partida enímiata, marcando consoladora superioridade sobre os espanhóis. O resultado oficial do encontro (50-39) não corresponde perfeitamente ao domínio exercido pelo Vasco da Gama, mas, mesmo assim, estabelece uma diferença de classe que, na realidade, existe.

Na segunda noite, frente ao Benfica, o Vasco da Gama jogou e sua grande «cartada» e não há dúvida de que a vitória alcançada foi inteiramente justa e normal. Com a grande equipa do Barcelona, os campeões do Porto disputaram a partida do encerramento do «Torneio» e, como atrás fica dito, o seu insuperável apego à luta e a sua extraordinária força de vontade tornaram empolgante os derredores vinte minutos deste memorável encontro.

A equipa-base do Vasco da Gama — Valentim, Hermínio, Dias Leite, Pima e Abílio — jogou sempre bem e dentro da sua toada habitual.

O Real Madrid

Os representantes da capital espanhola valem sensivelmente menos do que os rapazes do Barcelona. No primeiro encontro callvaram pouco, porque abusaram do jogo violento sem necessidade, aliás.

No seguimento do «Torneio», o seu comportamento foi impecável, destruindo, assim, a má impressão das primeiras horas.

Nenhum dos seus elementos chamou, particularmente, a atenção de crítica, a não ser, talvez, o defeso Gomes. Alonso — um veterano que o Madrid trouxe, por « emprésimo » — mostrou a sua utilidade e liop

revelou-se um lançador bastante oportuno e perigoso.

O capitão da equipa entregou a Homero, chefe da representação lisboeta, a bola que servira no encontro entre os dois «cincos» e na qual se lê a seguinte inscrição:

«El Real Madrid dedica este modesto recuerdo al clube Benfica como reconocimiento de la caballerosidad y nobleza deportiva que há hecho patente en este 1.º Trofeo Ibérico de Baloncesto».

Este invejável padrão de desportivismo está assinado por todos os jogadores madrilenos.

O Sport Lisboa e Benfica

Detentor dos três títulos principais do basquetebol nacional, a equipa do popular Benfica era compreensivelmente, considerada como uma das favoritas do «Torneio Ibérico». Afinal, uma inexplicável e profunda crise relegou o «cinco» «encarnado» para a cauda da classificação, sem ter saboreado, uma vez, pelo menos, o doce prazer da vitória.

Não conseguimos alinar com esta repentina reviravolta operada na equipa do Benfica. Durante as duas últimas épocas, vimos-lhe elíngues exhibições preciosas, produto de uma preparação cuidada e de um estudo adequado às características pessoais dos vários elementos que a compõem.

Dos cinco encontros em que tomou parte — três no «Ibérico» e dois no «Relâmpago» — apenas venceu o Vasco da Gama, na eliminatória desta última prova, o que, devemos convir, é muito pouco, em relação às aspirações e ao verdadeiro mérito da equipa.

Este «eclipse» do «cinco» do Benfica tem dado lugar a explorações inadmissíveis, que vão desde os «graves dissídios entre os seus componentes» até à afirmação de que a equipa não treina desde o jogo Portugal-Espanha...

Felizmente, estamos autorizados a desmentir todas essas aloardas, podendo afirmar que a preparação dos jogadores tem seguido o ritmo habitual e que o espírito da equipa continua bem vivo entre os correctos elementos, que se orgulham de possuir os títulos de campeões de Portugal e de Lisboa e de vencedores da Taça de Honra.

Alguns apontamentos

Durante o «Torneio», foi usada, pela primeira vez, em Portugal, a arbitragem dupla. A experiência não deu grande resultado, porque foi constante o despeque entre os dois juizes, sempre que estavam em campo, um, português, e outro, espanhol.

Ramos Pinheiro e Penetra Antunes, de Lisboa, Del Rio, de Madrid, e Galvê, de Barcelona, dirigiram os encontros.

Serviu de marcador, em todos os jogos do «Torneio», o sr. Costa Pinheiro, secretário do Conselho Técnico da F. P. B., que desempenhou o seu cargo com inteira isenção e agrado geral.

Pela primeira vez, também, foram utilizados boletins, segundo o modelo oficial da Federação Internacional, realmente muito perfeitos e completos.

Quando, após a primeira noite, se verificou que o público não acorria ao Palácio dos Desportos em número elevado, teria sido interessante franquear a entrada aos jogadores «juniores» dos clubes de Lisboa, porque, certamente, muitos deles colheriam óptimos ensinamentos. Além disso, o excelente recinto perderia aquele aspecto desolador que os milhares de lugares vagos lhe davam.

Não se compreende muito bem o motivo que levou os organizadores a nomearem os árbitros do Madrid e do Barcelona para dirigirem, precisamente, os jogos em que entraram as suas equipas. Como não se compreende também a razão que, segundo consta, levou o Barcelona a impor o afastamento dos jogadores Alonso e Lozano, no encontro que disputou com o Real Madrid.

Enfim, deficiências que, no futuro, talvez estejamos em situação de evitar.

Estatística...

Para terminar este primeiro artigo sobre o «Torneio Ibérico», anotamos algumas «curiosidades», tanto do agrado de uma parte do público:

A equipa mais realizadora foi a do Barcelona, que, em três jogos, obteve 168 pontos, sofrendo a sua defesa, apenas, 107 pontos.

No outro extremo, vamos encontrar o Benfica, que somou 106 pontos e concedeu 160.

O melhor marcador do «Torneio» foi Kuchassky, do F. C. Barcelona, que contribuiu com 64 pontos para a vitória da sua equipa. Ao excelente e leal jogador foi averbada, também, a proeza do melhor marcador num jogo, com os seus 26 pontos no encontro Barcelona-Benfica.

Abílio, do Vasco da Gama, ficou a um ponto (63) e a dois (24) na classificação geral e parcial.

Dos restantes elementos que colhem, daremos conhecimento aos leitores no próximo número.

Monteiro Poças



Lélé, um dos jogadores de mais renome no Brasil, entre o dr. Cyro Aranha, presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama, e o sr. dr. Silva Rocha, secretário da florescente instituição

OS BRASILEIROS falamos de PORTUGAL com viva simpatia Manhã de Sol no ESTORIL

MANHÃ de domingo no Estoril. Os dirigentes e os jogadores do Vasco da Gama lá estavam, gosando nos jardins do Grande Hotel a suavidade daquele começo de dia. É um grupo admirável, verdadeiramente sinceros na amizade que nos confessam, embalada de simpatia, de amizade luso-brasileira.

O dr. Silva Rocha, distinto camaráda da imprensa brasileira, secretário do Vasco da Gama, vem ao nosso encontro levando-nos para a roda dos dirigentes a que se juntou pouco depois o sr. dr. Cyro Aranha, presidente do clube. E declara-nos logo:

— Estamos encantados com o vosso acolhimento. Tanta festa, tanta amizade. Regressamos maravilhados e levando realizado o objectivo principal da nossa viagem a Portugal — que não beneficiou do aplauso da maioria dos sócios do clube.

Estranhámos esta afirmação, mas o dr. Silva Rocha esclarece-nos. — O ambiente acerca dos grupos portugueses não era o melhor. Falava-se em jogos feitos à base de excessiva dureza traindo dessa maneira o objectivo de confraternização que se pretendia. Mas a direcção vascaína entendeu por bem remar contra essa maré. E não nos arrependemos. Estamos satisfeitos com o desportivismo que tem rodeado todos os jogos.

O dr. Cyro Aranha aproveita para nos dizer: — E para que todos os brasileiros disseis se convenciam havemos de lá levar para o ano um conjunto português.

— Para o ano, que o Vasco da Gama festeja o seu cinquentenário, atalha o dr. Silva Rocha, que continua a falar-nos:

— A nossa visita foi de amizade. Vimos sem pensar nos resultados dos jogos. Esse pormenor afastamo-lo desde logo. E tanto assim que o nosso grupo não representa a expressão máxima do futebol brasileiro. A nossa equipa pode ser até considerada como uma equipa em formação. Não trouxemos pois um conjunto reforçado com o objectivo de derrotar os conjuntos portugueses. Não viemos para embasbacar. Tanto mais que o Vasco da Gama tem no Rio de Janeiro mais responsabilidades de luso-brasilidade que outros grandes e valiosos organizações.

— Que pensam agora do nosso futebol? — A nossa impressão é bem favorável. O conjunto B. S. B. justifica esta nossa opinião. Reconhecemos nos vossos jogadores habilidade pessoal, compreensão do jogo tático, conduzindo-se com muito acerto. Mas prevemos que têm condições para melhorarem.

— O futebol brasileiro está em grande nível técnico? — Perfeitamente. Attingiu-se craveira de alto valor. É o profissionalismo com todas as suas virtudes e benefícios. O falso amadorismo — que coisa horrível e impraticável se quisermos formar um futebol de 5ª categoria.

— Dedicam especiais cuidados ao futebol, claro está?

— Lançamo-nos numa orientação que julgamos ser a melhor. Em vez de gastarmos rios de dinheiro com a transferência de jogadores, olhamos directamente para as nossas equipas juvenis. E assim o Vasco forma uma primeira categoria com elementos absolutamente seus. A nossa equipa de aspirantes, rapazes de 18 e 19 anos, são já profissionais. E para que conseguíssemos os melhores resultados técnicos neste sistema não vacilámos em contratar Flávio Costa, seleccionador brasileiro e carioca. É o nosso treinador, 300 contos de contrato e 5 contos por mês.

— Depois do futebol?

— O remo. É ainda uma das grandes forças no nosso clube. Somos tri-campeões do Rio de Janeiro desde 1944. Este desporto goza de grande interesse. O Vasco da Gama faz-se representar nas regatas normalmente por 18 a 20 embarcações.

— As regatas têm muito público? — Entre 20 a 40.000 pessoas.

Depois, temos o basquetebol em que somos campeões, o atletismo, também campeões há quatro anos, a natação com várias classes infantis.

É um grande clube! E na vice-presidência lá está um português o sr. António Rodrigues Tavares.

A propósito o dr. Silva Rocha, informa-nos: — Os portugueses não foram abrangidos pela regulamentação que impede que estrangeiros sejam dirigentes de clubes.

Uma pergunta:

— Que lhe parece a ida do Rogério do Benfica, para o Botsfogo? — Não o vi jogar. No entanto, segundo as informações que tenho, parece-me boa a aquisição. Se ele for um jogador no feitio de Irvassos ou Jesus Correia, depois de bem aclimatado ao ambiente, pode ser um elemento brilhante nas fileiras do futebol brasileiro.

Neste momento aparece-nos o famoso Lélé, com outro grupo de jogadores. Aproximava-se a hora do almoço. Do «hall» do hotel vinham os sons harmoniosos de uma marcha brasileira.

Alguns vascaínos tinham-se esgueirado e alegravam o ambiente fazendo girar um dos discos que trazem consigo.

O dr. Silva Rocha diz-nos sorridente:

— Como vê, onde estão um brasileiro estão as suas modinhas preferidas, mas, no entanto, garanto-lhe que esta embaixada do Brasil deixou-se conquistar pelos irmãos-amigos que são os portugueses.

E no seu sotaque característico:

— Quê vocês têm sido soberbos de gentilezas e amabilidades! Simpáticos, estes desportistas brasileiros.



Lélé, o capitão do grupo, e fujurante vedeta do Vasco da Gama



Que dia luminoso — dizem os jogadores vascaínos. A vida é bela!



Eis os suplentes! Por certo quase tão bons como os efectivos...



Dirigentes e jogadores brasileiros, de manhã, no Estoril, tomam o ar puro e confraternizam...

FERNANDO SA



ALGÉS
e Dafundo
dube que
trabalha
em profundidade
bate com beilho
o CANOE
de Madrid



CAMPEONATOS
de JUNIORES
ganhos pelo BENFIC

1. A numerosa e forte equipa do Canoes, de Madrid, batida em Lisboa pelo Algés e Dafundo; 2. João da Silva Marques, o vencedor dos 200 metros bruços, entre António Garcia (espanhol) e Luiz Sebastião (português); 3. Guilherme Patrone, o vencedor dos 100 metros livres, ao lado dos espanhóis Perez e Senrra



1 — Fernando Casimiro, do Benfica, vencedor dos 300 metros, corta a meta. 2 — Um aspecto interessante da prova de 300 metros. 3 — Manuel Menezes, do Benfica, vencedor dos saltos em altura, ultrapassa 1^o 75



Comentários

Mandar em casa alheia

O diário desportivo catalão «Mundo Desportivo» inseriu há dias nas suas colunas uma entrevista com o secretário da Federação Espanhola de Atletismo, sr. Manuel Segurado, onde, entre outras coisas, se fala do próximo Portugal-Espanha.

O conhecido dirigente, referindo-se aos propósitos anunciados de designação da cidade do Porto para celebração do encontro, permite-se fazer várias considerações, para concluir afirmando que, em tal caso, a equipa representativa do seu país não se deslocaria a Portugal, porque o campo do Lima não oferece as condições necessárias ao pleno rendimento dos seus atletas com aspirações olímpicas.

Nós já conhecemos a ligeireza de espírito com que os dirigentes desportivos do país vizinho encaram os seus compromissos para conosco, mas estas declarações do sr. Segurado, assim tão seguro de impor a sua vontade em terra alheia, ultrapassam a medida.

Se a Federação Portuguesa designar o Estádio do Lima para o encontro com os olímpicos espanhóis, será porque reconhece que as suas instalações se encontram nas condições requeridas por uma competição internacional; o papel dos nossos adversários limita-se a comparecerem onde lhes for designado e a ganhar, se puderem.

O assunto, no entanto, deve ser cuidadosamente ponderado e acautelado a tempo, pois a data do encontro já não vem longe; a nossa Federação, depois de anuigrar o estado em que se encontra a pista do Lima e, sobretudo, os locais de concurso que, habitualmente, são inutilizáveis, tomará a sua decisão conscienciosa e, a que for, impô-la-á à sua congénere espanhola.

O sr. Segurado não gosta do Porto; tenha paciência. Também aos nossos não agrada a mortal viagem a Barcelona e lá foram no ano passado. Os acordos des-

portuguesa — com sorte de gaiola em cadeira e salto de vara — resultou divertida, evocativa dos tempos do Campo de Santana, centenária autêntica. Poderá ter causado algumas indigestões — acabou depois de uma hora da noite — mas foi substancial, com os quatro cavaleiros, e a duo Simão-Casimiro e Murteira-Lopes, aqueles muito bem e estes bem, e todos os touros valentemente pegados pelos forçados-amadores de Santarém.

Agora vamos ter uma gala doutra espécie, a 3 de Julho, com Manotele. Veremos de quem são os touros, e a história que lhe aplicaremos.

Regório Perez

portivos valem como lei e cumprem-se, mesmo com sacrificio.

E quando surge, assim, um dirigente que não sabe respeitá-los, recorre-se a quem o possa meter na ordem, que seria nas circunstâncias a Delegação Nacional de Desportos, cuja interferência a Federação Portuguesa poderá solicitar pelas vias competentes.

Dar a mão à palmatória

O problema das classificações colectivas por pontos, nos campeonatos de atletismo, tem sido em anos anteriores muito discutido, com pareceres favoráveis e condenatórios.

Aqueles que a condenavam, baseavam-se para tal nos inconvenientes da dispersão de esforços por parte dos atletas de maior valor e aos quais os dirigentes clubistas, na necessidade imposta da caça aos pontos, obrigavam a participar no máximo permitido de provas, com evidente prejuízo nas marcas alcançadas no conjunto.

Os defensores, entre os quais sempre encontramos o redactor da especialidade do nosso colega «Mundo Desportivo», entendiam ser essa classificação indispensável à propaganda do atletismo, ao interesse do público e ao prestigio dos clubes.

Houve, em tempos, quem propusesse que aos campeonatos fosse dada a rigorosa característica individual e se acrescesse ao calendário português oficial uma nova competição, que seria o campeonato do país por equipas, no género daquela que ainda uma vez, há cinco ou seis anos, se disputou com pleno êxito em Lisboa. A proposta, porém, não encontrou ambiente propício e ludo continuou como dantes.

Sucede, porém, que nos seus comentários à primeira jornada do torneio de juniores e a propósito da acção do atleta Myreza, o crítico de «Mundo Desportivo» faz penitência do seu anterior critério e enfleira a par dos que já reprovavam a classificação por pontos, pelas aberrações técnicas a que dava lugar na actividade dos concorrentes.

Eis, com certeza, um flagrante exemplo de reconsideração, muito de aplaudir e, simultaneamente, uma excelente aquisição para a talange dos que julgam conveniente a alteração formal dos actuals regulamentos do atletismo português.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » » »	65\$00
12 » » »	130\$00



Na anterior corrida do Campo Pequeno, Manuel dos Santos citou ao «quiebro» e depois cravou ao «curtiao» com arte e finura, como Maria Helena Leite o viu neste desenho perfeito, em que o toureiro tem a graça dum sevilhano e o touro o ímpeto dum bravo «codicioso»

TOUROS

Duas corridas de gala

Das corridas de gala no Campo Pequeno, integradas nas comemorações do Centenário da Conquista de Lisboa aos Mouros.

Das histórias: a primeira ocorreu em Sevilha, numa «venta» onde D. António Florez, o comprador da ganadaria da Casa de Bragança, nos quis oferecer uma garrafa de «champagne». O criado, inexperienced de bebidas exóticas, abriu a garrafa de tal sorte que a rolha me veio parar à cara e o espumante se derramou nas calças de D. António. Desculpou-se o criado, confessando que nunca abria uma garrafa de «champagne», mas que quisera fazer a experiência. O D. António, com calma e filosofia, limitou-se a dizer-lhe isto, que à primeira corrida de gala se aplica:

«Las experiencias se hacen con gaseosas».

A experiência dos touros do sr. Lopes Aleixo devia ter sido feita em corridas de provincia ou baratas, corridas de gasosa; mas nunca aquele «ganadero» deveria te-los mandado experimentar numa corrida cara, de «champagne», com Ortega e Arruza. Enfim,

desta primeira gala já escrevemos em «Stadium».

A segunda também se pode aplicar a história, esta em Bordéus, por onde em 1925 passámos para ir organizar corridas de touros nas «Arènes de Lutèce», em Paris. Pedimos uma «bouillabesse» que é, afinal, uma caldeirada, e o criado do restaurante, que era de categoria, torceu o nariz, escandalizado com o nosso gosto ordinário. E o escândalo foi partilhado pelo criado das caves, muito grave no seu avental azul-escuro, e que se limitou a dizer-nos que, com tal comida, bastaria tomar um vinho forte, encorpado, sem preocupações de fina qualidade.

A ideia dum corrida exclusivamente à portuguesa, com quatro cavaleiros e um «espada», muita gente houve também que torcesse o nariz. Afinal a praça encheu-se, mas a empresa, desconfiada, achou, e muito bem, que para uma corrida à antiga portuguesa estavam indicados touros também à antiga portuguesa, fortes e encorpados, os do sr. Vaz Monteiro, sem mistura de sangue indígena.

E o caso é que a caldeirada à

na capital do NORTE

Mosaicos nortenhos...

Concluíram-se, em boa paz, as assembleias gerais do F. C. do Porto. Os sócios do popular clube nortenho tomaram conhecimento das questões que mais lhe interessavam, especialmente das questões de ordem financeira, que muito têm embaraçado o progresso do F. C. do Porto.

A exposição clara e inteligente do sr. Dias Ferreira foi digna de ser ouvida e mereceu bem as demonstrações de simpatia dos seus consócios.

Gomes da Costa voltou a vestir a camisola do F. C. do Porto. É um amor que lhe fica na vida, mas um amor a seu modo, um amor que os sócios e o próprio clube mantêm, dando toda a liberdade ao simpático e correcto rapaz.

Quando Gomes da Costa tem saudades de bola—pede uns jogos e regressa. Sente-se bem assim e parece que «só assim» pode prestar a sua colaboração ao F. C. do Porto.

Que pena! Gomes da Costa poderia ter substituído, verdadeiramente, o inesquecível «Pingo»!

Tropeçou o Vilanovense no seu segundo jogo do campeonato nacional de andebol. Contra o F. C. do Porto, a despeito do que se esperava. Não falta quem julgue os galegos em melhor forma, pelo menos, embora a classe dos praticantes seja inferior, actualmente.

Recordados os antigos tempos, verifica-se sem esforço que o andebol desta época perde no confronto que se fizer. É é pena.

O Vasco da Gama, o «nosso», evidentemente, deixou a melhor impressão em Lisboa, durante o torneio de basquetebol. Por um líz, ganhava a dura prova.

Os campeões portugueses queixam-se, entretanto, da arbitragem dum senhor espanhol, no jogo contra o Barcelona. O cavalheiro era catalão e da família de um jogador dos campeões de Espanha. —Pudera!

O que surpreende, porém, é a

maneira como se consentem todos os caprichos, todas as imposições. Segundo se diz, o Vasco de Gama protestou antes do jogo; mas como os espanhóis «resistiram», a Federação fez-lhes a vontade... Mandaram, e pronto.

Não se fala mais nisso!

Ganhou o Fluvial o campeonato máximo do basquetebol português. Dominou e convenceu. Está por isso de parabéns o velho clube português, que à modalidade tem prestado os melhores serviços. Como a todas as modalidades que lhe interessam: — o remo, a natação, o voleibol, etc.

Formaram-se duas comissões para receber o Clube de Regatas de Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. O clube dos vascosinos, que o Porto já conhece, por há anos nos ter visitado, poderá verificar que o estílimo na segunda cidade do país. Embora clube relintemente brasileiro, bebe-se que tem por patrono o nome de um português ilustre. Já é muito.

Foi adiada para Julho a festa de confraternização dos associados do F. C. do Porto. Pensa-se nela com muita atenção, prova de que o clube interessa aos homens que o defendem.

Consta que o jogador Calado já fixou residência em Lisboa. Pode ser bosto, e também pode ser que não seja...

A confirmar-se a notícia, e o próprio jogador o afirmar, nos jornais, fica o Boavista seriamente desfalçado. O internacional do clube do Bessa, digam o que disserem, é bom jogador. Breve o saberemos, se a transferência vier a ser feita.

Afirma-se que um bom jogador estrangeiro alinhará no próximo ano pelo F. C. do Porto. Por enquanto tudo está envolto no maior segredo.

Seja ou não seja assim, o Campeão do Norte precisa de melhorar, nalguns pontos, a sua equipa de futebol. Um ou dois estrangeiros podem ficar caro. Mas também podem contribuir para elevar a outro nível a classe dos melhores portugueses.

Sabe-se já, e agora com mais certeza, que o Portugal-Espanha em atletismo não deverá ser mercado para o Porto. Os espanhóis não «querem»—diz-se—vir ao Estádio do Lima, elegando que e pista não corresponde. Surpreendemos esta afirmação dos nossos vizinhos, tanto mais que o sr. Hildebrand a visitou há tempos e nada disse em seu desabono.

Não se trata de mais uma desculpa de mau pagador?

É PRECISO PROGREDIR!

Uma sugestão para os vossos clubes

Está provado que não nos devemos guiar pelas «coisas do passado». O que lá vai lá vai... Mas precisamente porque o futuro nos preocupa, ou deve preocupar, pelo menos, não parecerá mal nem inoportuno dizer que é preciso olhar o mais cuidadosamente possível pela evolução do desporto entre nós, pela vida das colectividades desejosas de progresso, pela rectificação de processos e regulamentos. Numa palavra: — é necessário reformar.

Mas, para reformar, é preciso ter iniciativa, é preciso ser dinâmico, é necessário conhecer, por dentro e por fora, toda a mecânica do desporto, que não só do futebol, toda a gama de regulamentos, a própria técnica dos jogos praticados ou a praticar dentro das colectividades. Há dias recebeu o autor deste escrito uma carta curiosa, carta que lhe abriu ideias interessantes sobre muito que falta fazer e pode tentar-se, — deve mesmo tentar-se antes de ser tarde.

O assunto, por complexo, importa a quem ande no desporto e pelo desporto queira bater-se com a maior dedicação, seja profissional ou amador, porque há trabalhos que podem ser seguidos por uns e por outros sem quebra de prestígio ou de linha digna.

Em verdade, falta fazer muita coisa dentro dos principais organismos desportivos. Julgamos que em Lisboa, por exemplo, já os clubes possuem alguém que, independentemente das suas direcções, ordenam os casos vindos de cima, conduzindo-os de modo a dar satisfação e sempre dispostos tudo em condições que deixem o clube a coberto de surpresas desagradáveis, quer perante o sócio, quer perante Associações ou Federações, quer perante a própria opinião pública. Aquilo a que os ingleses chamam «menagers» poderia e deveria ser tentado em várias agremiações portuguesas.

Mas, evidentemente, será preciso escolher bem a pessoa para semelhante serviço. Antes de se julgar erradamente, afirme-se já que nos encanta apenas a ideia de ver os nossos grandes clubes no caminho do progresso firme. Estamos habituados a lutar desde verdes anos, e temos agora ocasião de ver que os sistemas de trabalho estão perturbados por processos indolentes e quase intoleráveis na ocasião presente.

Vejam: há regulamentos internos que precisam de correcção absoluta. Há estatutos que as assembleias gerais deixam de rever e de actualizar, por falta de tempo ou de quem investigue e adapte, apresentando-os para apreciação no momento próprio. Há «pequenas coisas» que se perdem, porque uma gerência amadora não pode, por falta de tempo, abraçar uma enormidade de assuntos que não admitem espera. Há, dentro e fora dos campos, atritos a eliminar. Há, junto de Associações ou Federações, lapsos que confundem e embaraçam o prosseguimento de uma obra, porque um delegado não apareceu ou foi menos competente a discutir problemas de importância. Há por vezes um equívoco grave, nas relações do clube com a Imprensa, porque não se projectou a propaganda de dentro para fora, porque um responsável não soube ligar o clube aos grandes órgãos, porque não foi sereno ou justo, porque se lembrou mais de si do que da colectividade e seus interesses especiais. Há — sabemos lá o quê... Vivem muitos clubes hoje como há 20 anos. Ou pior ainda.

Para poupar umas centenas de escudos perdem milhares, perdem a sua própria expansão e propaganda, ganhando dissabores e arrelia, visto confiarem apenas aos sacrificados gerentes todos os trabalhos, suportando-os muitas vezes à custa de graves faltas na sua própria vida profissional. E o clube, vendo bem as coisas, acaba sempre por perder situações que o poderiam colocar mais bem, perante a opinião geral dos seus simpatizantes e mesmo daqueles que o não podem ser.

Tem de pensar cada clube na reorganização dos seus serviços, hoje variados e difíceis, cada vez mais, sem dúvida, visto que o desporto caiu na simpatia de toda a gente. Pense-se, por isso, cuidadosamente, em remunerar quem possua qualidades e capacidade para executar a obra das direcções, e ver-se-á se muda ou não muda em muitos aspectos a marcha de acontecimentos que seguem por agora agarrados a uma lentidão prejudicial.

Escrevemos para os clubes do Porto. Lisboa já conduz a vida de alguns, segundo nos informam, de modo a eliminar as dificuldades, tratando eles próprios da montagem dos serviços desportivos e administrativos. Porque não fazer o mesmo no Porto? Mesmo um pouco melhor, se for possível?

Repetimos: — vê-se aqui o caso por um ângulo nitidamente desportivo. É preciso agitar o meio, dando-lhe um sabor que ele não tem, alegria, uma continuidade absoluta de gerência para gerência, seja da facção A ou da facção B, — a fim de se não partir o fio de uma obra que precisa de quem a compreenda e faça progredir.

Não era, com certeza, dinheiro mal gasto.

Ano V — II Série — N.º 238
Lisboa, 25 de Junho de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19.-3.
Telefone, 45903 - USBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

ESTORIL *vence* ACADÉMICA



O Estoril, na primeira parte, jogou francamente ao ataque. Os seus jogadores, apesar disso, dedicaram-se à luta com entusiasmo



Sebastião, o guardarede do Estoril, livra-se de um ataque da Académica

ATLÉTICO *venceu em* S. João da Madeira



O novo guardarede do Atlético executou belas jogadas. Talvez lhe esteja assegurado um bom futuro!



Ernesto já defendeu. Gonçalves nada pode fazer!

BOAVISTA *bateu* os SETUBALENSES



Na grande area do Boavista, uma defesa cerrada!



Catado em luta com um dos defesas de Setúbal. O guardarede já está preparado, para o que der e vier...